

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Vânia Cristina Ferreira de Mello

Orientadora: Prof^a Maria Ruth Taques Fonseca

Resumo: *Este artigo relata uma experiência em sala de aula, em que os contos de fadas foram utilizados como ponto de partida, para sensibilizar e despertar os alunos a uma nova língua, desenvolvendo aspectos da oralidade e favorecendo o aprendizado de uma língua estrangeira, o francês. Os contos de fadas, além de divertir, possibilitam que a criança reflita sobre sua vida e desenvolva sua personalidade, constituindo um gênero literário significativo e enriquecedor.*

Palavras-chaves: contos de fadas, ensino, aprendizagem.

Abstract: *This article describes an experience in the classroom in which fairy tales were used as a starting point to sensitize and awaken students to a new language, developing aspects of orality and sensitizing them to learning a foreign language, French. Fairy tales, as well as entertain, enables the child to reflect on their lives and develop their personality, with a significant gender and enriching.*

Keywords: fairy tales, teaching, learning.

1. Introdução

Este artigo tem por finalidade a apresentação de um trabalho desenvolvido dentro do Projeto “*Língua Francesa: uma proposta de sensibilização para crianças e adolescentes da escola pública*”, em Ponta Grossa, Paraná. Procuramos trabalhar a autoestima, a motivação e a afetividade, pois tanto o trabalho com os contos de fadas como o aprendizado de uma nova língua envolvem estes aspectos.

Ao entrar em contato com a narrativa do conto de fadas, o aluno tem a oportunidade de se desenvolver tanto cognitiva quanto emocionalmente, pois esse gênero literário possibilita reflexões nessas áreas.

Apesar de o trabalho consistir na sensibilização à língua francesa, decidimos utilizar os contos de fadas devido ao fato deste gênero, com uma narrativa simples, ser um ótimo instrumento para desenvolver o imaginário, a curiosidade e, acima de tudo, a afetividade do educando, possibilitando, assim, o desenvolvimento integral da criança. Procuramos, a partir da leitura de contos, iniciar os alunos no

aprendizado do francês. Com alunos motivados e interessados, as aulas ficaram animadas e muito produtivas.

Muitas vezes, a escola é o único lugar em que a criança e o adolescente têm a oportunidade de entrar em contato com os “clássicos” da literatura infantil e, também, a possibilidade de vivenciar experiências afetivas que só os contos de fadas oferecem.

A preocupação na formação do aluno para o mercado de trabalho, muitas vezes, faz com que se deixem de lado questões referentes ao emocional. Entretanto, atualmente, sabemos que o que mais se procura são cidadãos equilibrados emocionalmente e que tenham um senso de solidariedade desenvolvido e atuante. A fantasia, a ficção e o imaginário presentes nos contos colaboram para a formação da personalidade, uma vez que estes elementos favorecem o equilíbrio emocional e psicológico.

A temática presente nos contos de fadas auxilia as crianças e adolescentes, de maneira simbólica, a superar obstáculos, solucionar problemas, controlar as emoções e sentimentos que irão surgir ao longo de suas vidas. Literatura e sala de aula não podem ser pensadas separadamente, pois, tanto na escola quanto em contato com obras literárias, o aluno terá a oportunidade de desenvolver seu aprendizado.

Trabalhando o gênero contos de fadas, o professor procura desenvolver no aluno o gosto pela leitura, aprimorando a escrita, a oralidade e a imaginação. Por isso, é de extrema importância o trabalho com atividades de enriquecimento como dramatização, ilustração, confecção de brinquedos, após o contato com as histórias.

Em uma sociedade em que a tecnologia toma conta do cotidiano dos lares e das escolas, ver crianças e adolescentes se encantarem com a magia dos contos de fadas é um verdadeiro presente para pais e educadores. Sendo os contos de fadas documentos históricos de linguagem simples, recheados de fantasias e riqueza imaginativa, servem como um precioso suporte na tarefa de ensinar, educar e formar seres humanos.

2. O surgimento dos contos de fadas e suas características

Não podemos pontuar com precisão onde se originaram os contos de fadas, pois é “impossível determinar um país somente onde os contos de fadas teriam se originado e que diferentes contos poderiam provir de diferentes países” (FRANZ, 1990, p.15).

Existem históricos de narrativas semelhantes aos contos de fadas em culturas de diversos povos, como por exemplo, nas colunas e papiros egípcios, nos escritos de Platão, na Era Medieval. Essas narrativas nasceram no imaginário popular e passaram de geração em geração, pela oralidade.

Inicialmente os contos de fadas não eram destinados ao público infantil, e sim ao público adulto, em geral.

As primeiras edições dos contos de fadas foram feitos por Charles Perrault (1628-1703) na França, no fim do século XVI. Fernanda Lopes de Almeida (2005) nos conta que Charles Perrault nasceu em Paris e aos 23 anos trabalhou como assessor de coletor de finanças da corte. Participou também dos badalados salões literários parisienses. Perrault morou por vinte anos no Palácio de Versailles. Aos 43 anos, ingressou na Academia Francesa de Letras e resolveu buscar, nas raízes literárias francesas, histórias que comprovassem o alto valor da cultura nacional. Encontrou, assim, os contos de fadas, que, na época, eram conhecidos apenas na oralidade.

Almeida destaca a importância de Perrault, pois ao “banhar os *contos de velha* no ouro de sua poesia, e recriá-los nos *Contos da mamãe gansa*, ele acabou fundindo a tradição popular com a cultura erudita de forma primorosa” (ALMEIDA, 2005, p.6).

A mesma autora diz ainda que, na época de Perrault, o absolutismo francês estava em seu auge. Por sua vez, o Iluminismo demoraria algumas décadas para nascer. Contudo, algumas mudanças já começavam a transformar a sociedade francesa e entre estas mudanças estava o novo modelo de educação infantil; até então, a criança era vista e tratada apenas como um adulto em miniatura. Almeida nos diz que os próprios *Contos de mamãe gansa* não eram especialmente destinados aos jovens leitores. Porém, a simplicidade e a fantasia do texto cativaram esse público e acabaram servindo na preparação dos filhos da burguesia.

Mais tarde, na Alemanha, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1875) também publicam os contos de fadas. Os Irmãos Grimm¹ são conhecidos pela grande quantidade de contos recolhidos e publicados na Alemanha (séc. XIX). Os primeiros desses contos consistiram em uma coletânea chamada *Histórias das crianças e do lar*. Estes, também, no início, não eram destinados aos pequenos leitores, mas foram adotados e lidos pelo público infantil do mundo inteiro. O principal motivo que levaria os Irmãos Grimm a colherem os contos era o fato de serem transmitidos apenas na oralidade; assim, evitou-se que as histórias tradicionais de seu povo se perdessem com o tempo.

Hans Christian Andersen (1805-1875) se tornou famoso por escrever contos infantis, contrariamente a seus antecessores Perrault e Irmãos Grimm, que editaram contos que eram conhecidos oralmente. Esse autor dinamarquês lançou seis volumes de “Contos” para crianças. Devido a sua contribuição para a literatura infantil comemora-se, em mais de sessenta países, o dia internacional do Livro Infante-Juvenil na data de seu nascimento, ou seja, em 2 de abril.

No Brasil, o livro denominado *Contos da Dona Carochinha*, de autoria de Figueiredo Pimentel, publicado em 1896, foi uma reunião e tradução dos contos de Perrault, Andersen e Irmãos Grimm, além de fábulas, lendas e parábolas. Segundo Almeida (2005), essas obras literárias são admiradas não somente pelo seu proveito pedagógico, mas também por constituírem uma obra de incomparável riqueza imaginativa e um documento histórico.

Ainda hoje, muitos autores continuam a escrever contos de fadas, discutindo em suas obras valores como honestidade, perseverança, prudência entre outros. Existem, nos contos de fadas, elementos bem característicos e com estruturas utilizadas em muitas narrativas contemporâneas. Como exemplo, podemos citar enredos de filmes em que o herói ou heroína precisa vencer vários obstáculos para, finalmente, com seu amor, “viverem felizes para sempre”. Outro exemplo consiste na punição dada aos maus e na recompensa aos bons, característica desse tipo de

¹ Deram grandes contribuições à língua alemã com um dicionário (O Grande Dicionário Alemão - *Deutsches Wörterbuch*) e estudos de lingüística e folclore.

obra. Os contos de fadas, segundo Nelly Novaes Coelho, são representados nas narrativas por uma *realidade mágica*

...em geral, povoados por personagens que representam, simbolicamente, valores e estruturas sociais arcaicas. Nesse mundo, convivem seres maravilhosos (fadas, bruxas, anões, gigantes, ogres...); seres superiores, privilegiados pela realeza (reis, rainhas, príncipes, princesas...) e seres inferiores, ou seja, plebeus, que exercem funções consideradas "servis" (servos, servas, amas, escudeiros, lacaios, guardas, mercadores, gente do povo em geral). (COELHO, 2000, p.95).

Bettelheim (2002) afirma que outra característica que faz parte da maioria dos contos de fadas refere-se ao dilema existencial de forma breve e categórica, por meio de uma narrativa simples com temas como o amor, o medo, a morte e o abandono e de personagens típicos. As personagens dos contos de fadas não têm idade cronológica bem definida e, geralmente, os nomes são atribuições de suas características, "Branca de Neve", "Pequeno Polegar".

Nos contos de fadas, tanto o mal quanto as virtudes estão presentes nas narrativas; na maioria delas, o mal é temporariamente vitorioso e possui alguma vantagem que é simbolizada pelo poder e inteligência (da bruxa, do gigante ou do dragão); assim, o personagem mau fica por algum tempo no lugar do herói. Essas narrativas não apresentam figuras ambivalentes (boas e más ao mesmo tempo) e podem ou não ter a presença de fadas.

Vera Maria T. Silva (2008) identifica que o que há de mais característico num conto de fadas são as fórmulas de abertura "era uma vez", "num reino distante" e de fechamento "eles viveram felizes para sempre". Essas fórmulas trazem consigo outras três marcas que são o tempo mítico, o espaço indefinido e o final feliz.

3. Os contos de fadas no ambiente escolar

O trabalho com contos de fadas é uma atividade prazerosa, pois desperta o interesse e conseqüentemente a participação do educando (crianças e adolescentes) nas aulas. Sabendo que a criança dispõe de um tempo muito curto de atenção, é necessário escolher, ao planejar as atividades, temas que despertem e mantenham sua atenção; nesse sentido, a literatura infantil é uma grande aliada dos professores.

Lemos em SILVA (2008, p.68) que

[E] *era uma vez...* (...) é a senha, a fórmula mágica que descerra ao leitor ou ouvinte as portas de outro mundo, um mundo ambíguo, que atrai e atemoriza. A partir das palavras de encantamento dessa fórmula de abertura, as relações com o real e o plausível são rompidas, e tudo o que acontece no plano das ações, por mais extraordinário que pareça torna-se acreditável...

Apesar de toda tecnologia presente nos dias atuais - o computador, a TV e os jogos eletrônicos- os contos de fadas ainda continuam a encantar e a se comunicar com leitores e ouvintes de todas as idades, justamente por tratar de temas atemporais e universais, falando da realidade do ser humano, nas diferentes situações da vida. COELHO (2000, p.45) diz que

(...) toda grande obra literária que venceu o tempo e continua falando ao interesse de cada nova geração, atende a outros motivos particulares que, como os que atuaram em sua origem, são decorrentes de uma verdade humana (...).

O conto de fadas é um gênero muito conhecido e encantador. É considerado por muitos autores, entre eles Bruno Bettelheim (2002) e Ana Maria Machado (2002), como um gênero literário que dá ao leitor a oportunidade de encontrar significado para a vida e colabora na formação da criança para a vida em sociedade.

Pensando na educação como desenvolvimento integral do ser humano, Bruno Bettelheim (2002) afirma que a tarefa mais importante e, também a mais difícil na formação de uma criança, é ajudá-la a encontrar um significado na vida. Depois dos pais e das pessoas que convivem com ela, a literatura assume responsabilidade nesta tarefa, pois é carregada de heranças culturais.

Na maior parte da história da humanidade, a formação de uma criança, depois da família, contou com a ajuda das histórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Pensando nisso é que se deve valorizar o trabalho na escola, com histórias que estimulem a imaginação, levando-se em conta as experiências emocionais e afetivas dos alunos, pois segundo Franz (1990) os objetos, as pessoas, as situações só terão vida e significação para o indivíduo se contiverem valor emocional e afetivo.

Para Piaget (in Vygotsky, 1991) as crianças adquirem valores ao construí-los interiormente, através da interação com o meio ambiente. De certa forma, as crianças também aprendem, através de exemplos; mas é por meio do contato com o

lúdico - brincadeiras, jogos, literatura infantil (contos de fadas) -, que elas internalizarão melhor esses valores e ensinamentos.

A escola tem como função formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes, capazes de compreender a realidade em que vivem. Sabe-se que, por mais privilegiada que seja a formação racional, o emocional está sempre presente e interferindo positiva ou negativamente no aprendizado. Mesmo sabendo que a escola dá grande importância em treinar mentes objetivas, não se pode conceber um processo de ensino-aprendizagem, que desconsidere o fator emocional. É justamente neste momento que entra o papel dos contos de fadas, pois para formar cidadãos, a escola precisa trabalhar a vivência em sociedade. Isso implica em não deixar de lado temas como solidariedade, cooperação, responsabilidade entre outros.

Wallon (1968) defende que a afetividade assume um papel fundamental no desenvolvimento e na formação do indivíduo, considerando que a afetividade é a fonte do conhecimento.

O trabalho com literatura na sala de aula, neste caso os contos de fadas, é de grande importância, porque a literatura propicia o desenvolvimento integral do ser humano; em contato com este gênero literário, o aluno sente-se capaz de expandir seu potencial criativo e imaginativo satisfazendo suas necessidades de ficção, procurando encontrar um equilíbrio emocional e psicológico.

Ouvindo os contos, a criança tem a oportunidade de trabalhar sua sensibilidade, revivendo sentimentos escondidos ou vivendo sentimentos desconhecidos, tornando claras suas emoções. No entanto, é preciso lembrar que tudo isso acontece inconscientemente para a criança.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apresentam que "a contagem de histórias na escola pelo professor deve ser uma prática intensa e necessária por muitas razões. Ela pode ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, possibilitar a vivência de emoções e o exercício da fantasia". (SINTESE, p.20).

A prática da contação de história pode fortalecer os vínculos afetivos entre educador e educando, além de fazer com que o aluno possa reviver ou conhecer as práticas anteriormente realizadas na família ou na comunidade. Sabemos que é necessário, para que haja aprendizagem e prazer em aprender, um grau de afetividade entre professor e aluno.

Como diz Abramovich (1994, p.17) “(...) é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias”. É neste ato que ela pode ampliar sua visão de mundo, vivenciar emoções e, sobretudo, exercitar sua fantasia. A fantasia contribui na formação da personalidade e, sendo a escola responsável pela formação integral do indivíduo, não pode deixar de lado os benefícios dessa literatura, uma vez que, de acordo com as novas diretrizes da educação no Brasil, publicada pela UNESCO (1999), “educar é desenvolver no ser humano quatro competências básicas: aprender a Ser, aprender a Conviver, aprender a Fazer e aprender a Conhecer”.

Para que se atinja um dos objetivos principais da literatura na escola, ou seja, acrescentar algo de importante à vida, a literatura infantil trazida para a sala de aula não pode ser superficial; é necessário que se obtenham muitos significados ao lê-la ou ouvi-la. Bruno Bettelheim (2002, p.5) considera que

[P]ara que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

Ao entrar em contato com as histórias infantis a criança descobre dentro de si emoções como a angústia, a alegria, a insegurança etc. Neste sentido, olhando para o conjunto da “literatura infantil”, concordamos com Bettelheim ao afirmar que nada é tão enriquecedor e satisfatório para uma criança do que os contos de fadas. Diz o referido autor que

[E] enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (2002, p.13)

De acordo com Bettelheim (2002), os contos de fadas dão à criança a oportunidade de refletir sobre seus problemas, ao mesmo tempo em que deixa de enfocá-los de forma individual; ela consegue se colocar no lugar do outro, abandonando o egocentrismo infantil; passando a olhar para o outro, a criança começa a entender o funcionamento da vida em sociedade.

O mesmo autor diz que devido à sua temática, os contos de fadas oportunizam a superação dos medos, a coragem para buscar o desconhecido e enfrentar desafios, a reflexão para direcionar as ações e identificar a hora certa para agir e, portanto, a nunca desistir diante dos problemas, procurando resolvê-los, por mais complexos que sejam. Os contos de fadas conseguem transmitir à criança a mensagem de que a vida é carregada de dificuldades e que todos têm que lidar com algum tipo de problema que logo deverá ser solucionado.

Nely Novaes Coelho considera que os contos de fadas contribuem para que os pequenos desenvolvam suas potencialidades naturais, auxiliando também nas etapas de amadurecimento e na formação da criança em relação a si mesma e ao mundo. Por serem cheias de metáforas, as histórias infantis são de grande importância no que se refere à identificação de sentimentos. Afirma a autora citada que

[D] desde os anos 70/80, as experiências, debates e propostas para reformas educacionais vêm-se multiplicando de maneira significativa, principalmente no âmbito da Língua e da Literatura. E com especial cunho polêmico na área da Literatura Infantil. Tal predominância pode parecer absurda aos distraídos que ainda não descobriram que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, a Literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. (COELHO, 2000,p.15).

A mesma autora diz que é através da linguagem simbólica existente nos contos de fadas que a criança assimila uma visão de mundo que não seria possível somente em sua experiência existencial; os contos de fadas comunicam numa linguagem emocional exatamente aquilo que a criança encontra no seu inconsciente.

Segundo Coelho, (2000) a criança percebe, de maneira intuitiva, que as histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas. Ela consegue, de forma mais facilitada, compreender alguns valores básicos da sociedade devido ao

maniqueísmo presente nas personagens, lembrando que nem essa divisão entre as personagens em boas ou más, belas ou feias, nem a presença do “mal” podem ser prejudiciais à formação da criança, pois tais divisões são apresentadas por meio de uma linguagem simbólica.

Ainda no que se refere à separação entre o bem e o mal, a mente infantil consegue entender a recompensa dada ao bom e o castigo ao mau. Silva (2008), nos relata que houve uma época em que se tentou amenizar a “violência” das histórias. Neste mesmo sentido a autora Marina Colasanti (2006 apud SILVA,2008, p.70) enfatiza que

[T] todos nós lembramos ainda o momento – mais tarde reconhecido como um grande equívoco – em que os contos de fadas foram mandados para a tinturaria, a fim de limpá-los de qualquer mancha de sangue. O resultado foi que, ao limpar o sangue visível, drenou-se também o invisível, aquele que corre nas veias das histórias, que as anima e lhes dá vida. E os belos contos de fadas ficaram pálidos, fracos, com um pé na U.T.I.

Enfim, nas palavras de Nelly Novaes Coelho (2000), os contos de fadas podem ser decisivos na formação da criança tanto em relação a si quanto ao mundo que a cerca. O maravilhoso que foi e sempre continuará sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças e os significados simbólicos neles presentes estão ligados aos dilemas que o ser humano enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional.

Porém, ao se utilizar deste gênero, deve-se tomar o cuidado para que não seja mero suporte para o trabalho com a gramática e outras áreas do conhecimento; deve-se atentar para que não se perca o seu caráter artístico e literário. Assim, deve-se dar tempo para que o ouvinte possa internalizar o que foi narrado, isto é o tempo necessário para que o aluno assimile a história. Lembramos que, em cada contato com a narrativa, a criança se comunica e sente o que lhe é mais instigante naquele momento.

É importante ressaltar que o ouvinte ou mesmo o leitor que devem entrar em contato com os contos de fadas não são somente os alunos de séries iniciais. Também adolescentes terão a oportunidade de reviver emoções sentidas na recente infância, ou até mesmo entrar em contato, pela primeira vez, com esta literatura.

Esse tipo de leitura contribui para a formação de alunos leitores e escritores críticos, reflexivos e criativos, sendo, também estímulo para estudos de literatura.

4. **O que os contos de fadas oferecem**

Bruno Bettelheim (2002) afirma que os contos de fadas ensinam pouco sobre a vida na sociedade atual, porém é em contato com eles que se pode aprender sobre os problemas interiores do ser humano e sobre suas soluções em qualquer sociedade. Eles confrontam a criança com temas humanos básicos como a morte, o envelhecimento, a separação, entre outros.

É à literatura que se dá a maior responsabilidade na formação e no conhecimento de mundo da criança e do adolescente. Coelho afirma que “*a literatura tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação seja no espontâneo convívio leitor/livro seja no diálogo leitor/texto...*” (2000, p.15). A autora considera que a literatura infantil, portanto os contos de fadas, é a arte representando o mundo, a vida e o ser humano, através da palavra.

Além disso, Cecília Meireles (1979, p. 66) coloca que a literatura tradicional que conhecemos como a literatura popular, é a primeira a ficar na memória da criança, pois é ela que representa o primeiro livro com que a criança teve contato.

Para Bettelheim (2002), é devido às qualidades literárias que sentimos encantamento e prazer no contato com os contos de fadas. Tanto como forma de literatura quanto como obra de arte, os contos de fadas são únicos, pois são totalmente compreensíveis pelas crianças. Assim como em qualquer obra de arte, Bettelheim (2002, p.13) afirma que “o significado obtido no conto de fadas será diferente para cada pessoa, assim como para a mesma pessoa em diferentes momentos da vida”.

Para Costa e Baganha (1989) a escola não é o lugar onde só se transmite o conhecimento e sim onde se realiza a formação pessoal do aluno. Sabendo que a criança necessita que se dê a ela a oportunidade para que encontre maneiras de lidar com seus problemas interiores, é necessário que lhe seja dada a oportunidade de entrar em contato com o fantástico. Afirma a autora acima que

[O]s contos de fadas oferecem personagens sobre as quais a criança pode exteriorizar aquilo que se passa com ela e de uma forma controlável. Mostram à criança como pode materializar os seus desejos destrutivos numa dada personagem, tirar de outra as satisfações que deseja identificar-se com uma terceira, ligar-se a uma quarta da qual faz seu ideal e assim sucessivamente, segundo as necessidades de momento. Além disso, desacreditando as limitações de tempo e espaço, permitem uma representação visível, concreta e simultânea de todas as facetas que constituem o universo da criança (Costa, Baganha, 1989, p.39).

Como afirma Paulo Freire (2000) a prática educativa é constituída pela afetividade, alegria e capacidade técnica. Portanto, o ato de ensinar e aprender não pode se dar fora de um contexto afetivo, pois o trabalho do professor, seja ele de qualquer disciplina, é formar gente. Diz o autor acima:

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes dos educandos. Se não posso, de um lado estimular os sonhos impossíveis, não devo de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (Paulo Freire, 2000, p.163)

De acordo com Coelho (2000), na criança, o conhecimento se dá através do emotivo, do sensível, da intuição. As crianças conhecem as coisas através da emoção e da experiência concreta, compreendendo a vida no presente. Por isso a linguagem dos contos de fadas tem o poder de concretizar o abstrato, pois este gênero possui uma linguagem metafórica que facilita a comunicação com o pensamento mágico da criança.

Enfim, os contos de fadas segundo Saiani (2003), são um canal entre educador e educando em termos de afetividade e auxiliam na superação de problemas interiores.

5. A prática

Para desenvolver a aplicação do *projeto Língua Francesa: uma proposta de sensibilização para crianças e adolescentes da escola pública*, foram realizados encontros com alunos do 3º ano do 1º ciclo (7 e 8 anos) de uma escola municipal da cidade de Ponta Grossa, com carga horária de duas horas semanais.

A opção pelo trabalho de aprendizagem de uma nova língua com a utilização de contos de fadas se deve ao fato de estarmos conscientes de que o ambiente

escolar e a prática educativa devem propiciar ao educando a sua formação integral; o aluno, enquanto cidadão que pensa e age na sociedade, utiliza-se de seu intelecto e de seu emocional.

Os contos de fadas são histórias que as crianças ouvem desde pequenas e, em sua maioria, demonstram por elas um verdadeiro fascínio. A sala de aula é um ótimo lugar para retomar o contato dos alunos com os contos e, muitas vezes, ser a primeira a possibilitar esse contato, pois apesar desse gênero se propagar através da oralidade muitas crianças os desconhecem ou só os conhecem de maneira superficial, por meio de versões adaptadas.

Nas aulas, os alunos tiveram contato com os contos de fadas tanto na língua materna quanto na língua estrangeira. Quando na língua materna, as narrativas eram “contadas” (resgate da importância de “contar histórias”) sem a utilização de imagens, dando a possibilidade de o aluno desenvolver sua imaginação. O professor utilizava o livro, manuseando-o com cuidado, prazer e satisfação, procurando transmitir às crianças o amor pelo livro.

Posteriormente, as histórias eram exploradas a partir de discussões das diversas situações abordadas, como: os conceitos de belo e feio, os fatores que caracterizavam bondade e maldade, se uma pessoa pode ser sempre boa ou sempre má, quais as situações que mais amedrontavam e as que eram mais felizes ou tristes. Além disso, foram realizadas discussões sobre a atitude das personagens, possibilitando que a criança desse vazão a sua opinião, sentimentos, emoções, como por exemplo: *você concorda com a atitude desta personagem? Como você agiria se estivesse em seu lugar? Você já passou por situação semelhante? Como se sentiu?*

Outra atividade realizada foi a comparação entre diversos contos, no que se refere a elementos que se repetem: madrasta, floresta, baile, viagens e o aparecimento de cada novo elemento. Eram trazidos, também às discussões, elementos como os castelos, as profissões e até mesmo as vestes das personagens, resgatando fatores históricos e geográficos (Europa, Idade Média), traçando uma comparação com a atualidade. Foram, assim, explorados os personagens, o cenário, o enredo, a linguagem e as cenas mais significativas.

O trabalho de narração e contato com os contos, também foi ampliado com atividades orais e lúdicas: dramatização, verbalização, desenhos, colagem, pintura, confecção de brinquedos, jogos etc. Isso foi realizado para que os alunos pudessem internalizar as situações vividas e refletir sobre as narrativas.

Após o trabalho com os contos na língua materna, os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com as narrativas em francês, desta vez utilizando-se de material audiovisual, para melhor compreensão das mesmas. Foram realizadas, também, comparações entre as narrativas na língua materna e estrangeira. Expressões usadas em francês e que se referem à vida em sociedade (saudação, apresentação) e presentes nos contos foram trabalhadas em sala de aula. Procuramos, também, demonstrar que cada língua tem suas particularidades e que existem, em outras línguas, sons diferentes dos existentes em língua materna e que podem ser produzidos pelos alunos.

A ênfase na língua estrangeira foi dada a partir da escolha de alguns elementos de um conto. No conto “A Chapeuzinho Vermelho” foi possível trabalhar o próprio título, partes do corpo, cores e saudação; com “Os Três Porquinhos” foram trabalhados os números e a retomada dos elementos do conto anterior, como as palavras lobo, bosque e casa. Já em “Branca de Neve e os sete anões” foi trabalhada a família e revisados as cores e números. Com o conto “A Gata Borracheira” foi possível introduzir o vocabulário de vestimentas. Outros contos também utilizados foram “As Fadas” e “Barba Azul”.

Devido à curiosidade e envolvimento das crianças, vários outros contos foram mencionados e relatados, pois foram estabelecidas relações com outras narrativas. Desta forma, houve a necessidade de que a classe toda tomasse conhecimento do que estava sendo discutido.

Procuramos criar para a escuta das narrações um ambiente confortável e aconchegante ora ao ar livre, na sombra de uma árvore, no pátio ou até mesmo em sala; porém os alunos foram organizados de modo diferente do dia a dia. Tudo isso para que a história fosse apreciada de maneira prazerosa e propiciasse um verdadeiro contato com a obra.

6. Considerações finais

Foi possível perceber, durante os encontros, o verdadeiro encantamento dos pequenos pelos contos de fadas; mesmo sendo as narrativas mais longas do que aquelas com as quais estão acostumados a ter contato na sala de aula, os alunos mantinham-se concentrados e interessados. Houve momentos em que pediam para repetir a narrativa de certos trechos ou mesmo de toda a história.

Ao ouvir o conto em francês, em uma versão diferente da que conheciam, logo faziam comentários comparando os dois textos: “*mas ela não acordou com o beijo?*”. Ao comentar o conto, cada aluno ressaltava o que lhe era mais interessante. Um exemplo foi um dos comentários sobre a história da Branca de Neve “*o espelho também é malvado, ele contou para a Madrasta onde estava Branca de Neve*”.

Foi possível perceber que os alunos conseguiam fazer a ligação ou a comparação dos contos de fadas com outros gêneros, como por exemplo, comparando o sofrimento da princesa com o sofrimento da heroína de algum filme ou novela. Interessados por esse gênero, os alunos trouxeram para a sala de aula todo material em que encontravam narrativas com características dos contos de fadas.

Com as atividades variadas de oralidade, dramatização, ilustração etc, os alunos puderam desenvolver com autonomia sua competência de concentração, compreensão e expressão oral e organização cognitiva.

Esse trabalho contribuiu para uma reflexão pessoal, estimulando a imaginação e favorecendo ao aluno uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo em que está inserido.

Houve uma ampliação do repertório das histórias, pois devido ao interesse nas aulas os alunos passaram a trazer para a escola outros contos. As crianças levaram para sala de aula materiais diversos como desenhos, almanaques, livros didáticos nos quais eram citados trechos de contos de fadas, ou até adaptações dos mesmos, demonstrando seu interesse pelo tema.

Quanto ao contato com a língua estrangeira, os alunos se mostraram interessados em identificar nas novas apresentações em áudio algumas expressões

trabalhadas e manifestavam satisfação em compreendê-las. Os alunos passaram a falar os títulos na língua francesa quando iam se referir a um determinado conto e a utilizar expressões e vocabulário adquiridos, quando se comunicavam em sala. Notou-se, também a motivação dos alunos para os encontros e o interesse de utilizar o que foi aprendido no cotidiano escolar.

Concluindo, podemos afirmar que o trabalho com contos de fadas constituiu-se em uma atividade prazerosa, estimulante e de crescimento tanto cognitivo quanto emocional, para alunos e professor.

Referências

- ALMEIDA, Fernanda Lopes, *Contos de Perrault*. São Paulo: Ática, 2007.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. *Lutar para dar um sentido à vida: Os contos de fadas na educação de infância*. Portugal, Edições Asa, 1989.
- DELORS J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez/UNESCO/MEC, 1999.
- FRANZ, Marie-Louise von, *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1979.

SAIANI, Cláudio. *Jung e a Educação: uma análise da relação professor/ aluno*. São Paulo: Editoras Escrituras, 2003.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.